

A ESTRUTURA PROFUNDA E OS ESTRATOS

EMMANUEL COMPANYS
Université de Paris-VIII

Resumo:

O Autor concebe um modelo de análise de frases, na estrutura profunda e na de superfície. Para aquele, estabelece certos critérios taxinômicos, precisando certas concepções: a) apresenta três condições para análise das frases na estrutura profunda: 1) representar *todo* o conteúdo semântico da frase; 2) representar *somente* o conteúdo semântico; 3) dar conta, de modo satisfatório, das frases de valor equivalente de todas as línguas; b) distingue no estrato hipossemático o *elocutivo* e o *nocional*; c) precisa a concepção de elocução e enunciação; d) distingue o domínio lingüístico do domínio psicolingüístico. Para a estrutura de superfície: a) distingue o estrato lexemático (*ativo e passivo*, de um lado, *sujeito, objeto e complemento de agente*, de outro); b) o estrato sememático (marcas de focalização sobre um dos actantes *agente* ou *paciente*; c) os estratos do significante (distinção entre *som* e *fonema*, de um lado, *fonema e morfema*, de outro); d) o estrato fonemático (traços de contraste e a prosódia); e) os morfonemas (ordem de palavras, diferença de tipos de afixos e as classes de palavras).

Résumé:

L'auteur propose un modèle d'analyse des phrases, au niveau de la structure profonde et au niveau de la structure de surface. Pour la première, il établit quelques critères taxinomiques, en précisant certaines conceptions: a) Il présente trois conditions pour l'analyse des phrases dans la structure profonde: 1) représenter *tout* le contenu sémantique de la phrase; 2) représenter *seulement* le contenu sémantique de la phrase; 3) rendre compte d'une façon satisfaisante des phrases ayant une valeur équivalente dans toutes les langues; b) Il distingue dans la strate hyposémématique, l'*élocutif* et le *notionel*; c) Il précise la conception d'élocution et d'énonciation; d) Il distingue aussi le domaine linguistique et le domaine psycholinguistique. En ce qui concerne à la structure de surface, l'auteur distingue: a) la strate lexématique (d'une part, *actif* et *passif*, d'autre part, *sujet, objet, complément d'agent*); b) la strate sémématique (les marques de focalisation sur l'un des actants, *agent* et *patient*); c) les strates du signifiant (d'un côté, la distinction entre *son* et *phonème*, de l'autre, entre *phonème* et *morphème*); d) la strate phonématique (les traits de contraste et prosodiques); e) les morphonèmes (L'ordre des mots, les différents types d'adfixes et les classes de mots).

Tradução de Maria Aparecida Barbosa

A propósito de um continente e de um conteúdo, examinemos as seguintes frases:

- (1) *Il y a des livres dans la serviette.*
- (2) *Les livres sont dans la serviette.*
- (3) *Une serviette contient des livres.*
- (4) *La serviette contient des livres.*
- (5) *Des livres remplissent la serviette.*
- (6) *Les livres remplissent la serviette.*
- (7) *Il y a une serviette pleine de livres.*
- (8) *La serviette est pleine de livres.*

Em (1) e (2), fala-se dos *livros (tema)* e diz-se que se encontram na *pasta (rema)*; mas o *tema é pressuposto* em (2), enquanto não o é em (1). Em (3) e (4), observamos a mesma diferença de pressuposição, mas, desta vez, é da *pasta* que se fala, para dizer o que ela contém: o *tema* e o *rema* estão invertidos.

Verificamos as mesmas distinções de pressuposição e de *tema-rema* nas frases (5) a (8); contudo, essas frases se opõem respectivamente às de (1) a (4), pela extensão da localização, que é *holística*, nas frases de (5) a (8), ao passo que era *partitiva*, nas frases de (1) a (4).

No semantismo das oito frases, temos constantemente dois elementos conceptuais — *livro* e *pasta* — e uma relação de localização, que é possível expressar, falando de caso *ontivo* (do grego *οντιο*, participio presente do verbo “ser”), em relação a *livro*, e do caso *topivo* (do grego *τοπιο*, “lugar”), a respeito da *pasta*.

A distinção *holístico-partitivo* é uma precisão acrescentada ao *topivo* e, desse modo, faz parte do relacional. Ao contrário, a escolha do *tema* e do *rema*, e a pressuposição fazem parte das condições de elocução.

A UNIVERSALIDADE DA ESTRUTURA PROFUNDA

Esse semantismo profundo — *conceptual, nocional e elocutivo* — é comum a todas as línguas, enquanto as frases que o expressam podem diferir consideravelmente: basta observar a diversidade das estruturas sin-

táticas das frases (1) a (8) para imaginar a complexidade da rede de correspondências entre os elementos semânticos profundos e suas possíveis expressões.

Assim, é evidente que a lingüística contrastiva não pode dispensar esse nível de análise, no qual todas as línguas se reúnem. Sem isso, qualquer tradução seria totalmente impossível. Somente a existência da descrição da frase profunda poderia assegurar-nos, com relação ao idêntico valor de comunicação das frases que são comparadas.

Ora, somos forçados a reconhecer que semelhante nível não coincide com o que se costuma chamar de *estrutura profunda*, e que não satisfaz, de modo geral, às três condições seguintes, indispensáveis, já que decorrem necessariamente da universalidade da estrutura mais profunda:

- a) representar *todo* o conteúdo semântico da frase (incluindo-se aí o que depende do que chamamos o *elocutivo*);
- b) representar *somente* o conteúdo semântico, ou seja, não ser afetada pela forma (estruturas lexicais ou morfo-sintáticas) que veicula esse conteúdo;
- c) dar conta, de modo satisfatório, das frases de valor equivalente de todas as línguas; por outras palavras, todas as traduções de uma mesma frase tem a mesma estrutura profunda que a frase que lhes constitui a fonte.

Parece-nos difícil sustentar que a estrutura profunda da Semântica Interpretativa satisfaça a essas três condições: é preciso recorrer à superfície, em relação a determinados elementos semânticos, certas indicações da forma de superfície são incluídas na frase profunda (noção de "sujeito profundo", traço = passivo, etc.), e até mesmo o sinal do indicador sintagmático, que é diferente, quando se descreve o alemão, por exemplo, para dar conta mais facilmente da ordem das palavras, muito embora esta última diga respeito ao significante.

O ESTRATO HIPOSSEMEMÁTICO

A *estrutura profunda* de que temos necessidade corresponde, antes, ao que Pottier chama a *estrutura de entendimento* e os estratificacionalistas, o *estrato hipossememático*. Distinguimos, nesse estrato, o *elocutivo* e o *nocional*.

No *nocional*, há obrigatoriamente um *nexo*, ao qual pode acrescentar-se um *conexo*, que compreende os elementos não-específicos, que não fazem parte do nó de inter-relações da frase: assim, pois, fazem parte do *conexo* circunstâncias facultativas, que poderiam completar, do mesmo modo, frases de conteúdo semântico muito diferente.

De um lado, o *nocional* compreende o *conceptual*, constituído pelos *semas*, que são, em seguida, reagrupados em feixes, quando do recorte lexical, nos estratos mais superficiais, e que varia consideravelmente, pois, de uma língua para outra; de outro, o *relacional*, que se pode tentar descrever, propondo como balizas, os *casos profundos*, como os de Fillmore, desde que não se conceda um lugar especial ao que deverá tornar-se o verbo, na superfície, pois não se trata necessariamente do mesmo feixe sêmico em todas as línguas e, por outro lado, isso suporia o recorte lexical já realizado. Além do mais, a categoria *verbo* está longe de recobrir uma realidade única e universal.

ELOCUÇÃO E ENUNCIÇÃO

Preferimos falar de *elocução* e não de *enunciação*, para distingui-la claramente do emprego que fazem deste último termo Culioli e seus discípulos. Com efeito, estes incluem no enunciativo as categorias linguísticas que tomam o enunciador como ponto de referência, a começar por tudo o que diz respeito à dêixis. Para nós, o elocutivo não concerne *ao que se diz mas à maneira como se diz*: escolha do tema e do rema, pressuposição, ênfases, diversos efeitos de estilo, etc.; as categorias dêíticas ou lexicais, ao contrário, fazem parte do *nocional*, ainda que seus *semas* impliquem o sentimento do locutor, como as palavras *desejar*, *temer*, *exigir* ou, então, um julgamento, que se oporia, por exemplo, a uma constatação.

Precisando-os um pouco mais, nossos termos *conceptual*, *relacional* e *elocutivo* não deixam de lembrar o modo como Catherine Fuchs descreve a operação de enunciação: *selecionar unidades, estabelecer uma rede de relações, fixá-la em relação à situação de enunciação* (L'aspect, um problème de linguistique générale: éléments de réponse dans une perspective énonciative in DRLAV 16, p. 7).

A língua dispõe de categorias para expressar o *nocional*, seja o homem tomado ou não como ponto de referência. Ela oferece igualmente

os meios para representar o elocutivo; entretanto, esses meios não correspondem diretamente às distinções semânticas profundas, como se pode observar nas frases de (1) a (8). Assim, por exemplo, as línguas acusativas têm uma categoria sintática de superfície (o *sujeito*), que exprime o tema, donde as diáteses ativa e passiva, para inverter o tema e o rema. Contudo, recorre-se a “variantes combinatórias lexicais”, e não à voz, por exemplo, em

- (9) *Pedro gosta desse vinho.*
- (10) *Esse vinho agrada a Pedro.*

e a “variantes combinatórias” morfo-sintáticas em

- (11) *Pedro tem um livro.*
O livro é de Pedro.

Ve-se, pois, que o conteúdo elocutivo pode manifestar-se pelo modo como são estruturados os semas do conteúdo nocional: o elocutivo é um dos componentes que condicionam a segmentação lexical. Observamo-lo, por sinal, nas frases de (1) a (8): *há... na, estão... na, está cheia, enchem.*

CATEGORIAS LINGÜÍSTICAS E CONSIDERAÇÕES PSICOLINGÜÍSTICAS

Por outro lado, para atender às necessidades da comparação lingüística e das aplicações à didática de línguas, pensamos que é preciso distinguir muito bem o domínio lingüístico do domínio psicolingüístico. Assim, por exemplo, a noção adamczewskiana de *assunção pelo locutor* parece-nos depender muito mais do segundo que do primeiro, ao passo que a noção de *saturação*, do mesmo lingüista, pertence claramente ao que chamamos de conteúdo elocutivo, ao domínio, pois, que consideramos suscetível de ser descrito em termos lingüísticos.

Se bem compreendemos o que seja a assunção pelo locutor, parece-nos que se manifesta, de um lado, pelo que aquele quer dizer (para nós, o nocional), de outro lado, pela maneira segundo a qual quer apresentá-lo (para nós, o elocutivo). O locutor utiliza os meios de que dispõe a língua, para produzir os efeitos de sentido correspondentes ao que deseja transmitir, ao efeito que quer produzir. Nem sempre há correspondência direta entre tais elementos psicolingüísticos da comunicação e os

elementos lingüísticos que constituem, de alguma maneira, o código da transmissão.

Assim, por exemplo, se não fizermos cuidadosamente essa distinção, corremos o risco de definir o aspecto em termos psicolingüísticos, que correspondem antes às intenções ou aos estados de espírito da comunicação, ligados à utilização desses aspectos, que a uma taxinomia propriamente aspectual, como a que propõe Cathérine Fuchs no artigo supracitado.

Na mesma ordem de idéias, pode-se dar uma interpretação da oposição *ser/estar* do espanhol, que parece menosprezar a diferença realmente lingüística: a oposição *holístico-partitivo*, aplicada aqui à dimensão do tempo, em vez de sê-lo ao espaço, como nas frases (1) a (8). Foi isso, sem dúvida, que induziu em erro Claude Emmanuel Delmas (in *Une distinction classique: ser/estar*, p. 9): por exemplo, *estar louco* no sentido de “demente”, diz-se sempre *estar loco* e não *ser loco*, como afirma.

Aproveitamos a oportunidade para precisar que a nossa concepção de *tema* e *rema* jamais nos permitiria dizer que *ser* é temático e *estar*, remático. O atributo que introduzem, tanto um como outro, constitui sempre o rema, qualquer que seja a estrutura do conjunto da frase: as traduções espanhola e catalã de (2) e (8) são:

- (2e) *Los libros están en la cartera.*
- (8e) *La cartera está llena de libros.*
- (2c) *Els llibres son dintre de la cartera.*
- (8c) *La cartera està plena de llibres.*

Que eu diga

- (13) *Esta mujer es muy guapa.*

ou

- (14) *Esta mujer está muy guapa.*

mujer é o tema e *guapa*, o rema, pois, nos dois casos, falo dessa *mujer*, para dizer que ela é *bela* (13), ou que *está bonita* (14). Quanto à assunção pelo locutor, é evidente que estou me engajando mais, ao enunciar (14) do que (13); poder-se-ia dizer mesmo que eu me comprometo menos, observando que ela está bonita *aquí e agora* e é por isso que eu não

poderia saturar o valor *partitivo*, acrescentando uma palavra como *hoje*: essa saturação do partitivo positivo transforma-o em holístico negativo e a frase torna-se injuriosa. A saturação constitui o meio pelo qual o locutor toma a si a enunciação e o risco de represálias por parte da mulher em questão... O conteúdo de dêixis do tipo *aqui e agora* distingue-se, em nossa taxionomia, da noção de tema-rema, como também daquela da pressuposição ou do aspecto.

Dito isto, estamos persuadidos da importância e dos sólidos fundamentos das pesquisas que qualificamos como psicolinguísticas, não somente ao nível das aplicações pedagógicas mas também da análise das categorias linguísticas. Apenas, parece-nos desejável não confundir as observações psicolinguísticas que permitem enriquecer a taxinomia linguística, com a taxinomia linguística propriamente dita.

CRITÉRIOS TAXIONÔMICOS DA FRASE PROFUNDA

Poder-se-á objetar, sem dúvida, que todas essas precauções, por necessárias que sejam, não são de modo nenhum suficientes para fundamentar tal ou qual taxionomia da frase profunda. Desse modo, concebemos a estrutura profunda, em geral, e o sistema casual, em particular, como um quadro puramente eurístico.

Para por em ordem documentos espalhados sobre a minha mesa de trabalho, posso começar a separá-los, usando diversos classificadores, que certamente me auxiliarão a dar-me conta dos "traços semânticos" que comportam meus documentos, traços que, por sua vez, me levarão provavelmente a modificar as divisões e subdivisões de meus classificadores. O importante é não confundir as divisões dos classificadores com as diferenças reais que permitem a classificação dos documentos.

De toda maneira, consideramos que a pesquisa hipossememática acha-se ainda em seu início, donde o risco de cair em considerações ingênuas, talvez errôneas. Mas é preciso aceitar esses riscos para poder avançar. Outro perigo, nesse domínio que se começa apenas a desbravar, é a armadilha da metalinguagem, que é, de algum modo, o classificador do nosso exemplo, por definição mal adaptado a esse estágio, enquanto nossos papéis parecerão muito bem arrumados. Essa armadilha é a tentação de encontrar boas razões para colocar cada folha numa divisão, o que é muito mais fácil que modificar o classificador; é, também, o risco das

confusões terminológicas. Muitas oposições entre pontos de vista, a respeito de problemas lingüísticos teóricos devem-se a metalinguagens diferentes ligadas a procedimentos diferentes.

ESTRUTURAS MORFOSSINTÁTICAS DE SUPERFÍCIE

Estamos naturalmente mais bem armados para comparar as estruturas morfosintáticas de superfície, que constituem o *estrato lexemático*. Tal estrato concerne às categorias e às funções gramaticais (e lexicais), as quais convém definir em termos que lhes sejam próprios, sem se deixar influenciar por considerações semânticas, sob pena de falsear um aspecto das comparações.

Assim, por exemplo, ainda que o valor semântico de *il* seja diferente nas frases abaixo, (15 a 23):

- (15) *Il pleut.*
- (16) *Il a un livre de mathématiques.*
- (17) *Il a peur de Jacques.*
- (18) *Il bat Pierre.*
- (19) *Il est battu par Pierre.*
- (20) *Il est grand.*
- (21) *Il est venu dans ma chambre.*
- (22) *Il envoie une lettre.*
- (23) *Il reçoit une lettre.*

seu valor lexemático é sempre o mesmo: sujeito da frase, assim como em

- (24) *Il passe des camions dans la rue.*

Desse modo, do ponto de vista lexemático, (16) e (17) têm exatamente a mesma estrutura; há somente uma estrutura nas duas acepções possíveis de

- (25) *Il y a une montre en or.*

conforme ela responde à questão *Qu'est-ce qu'il y a dans ce coffret?* ou à questão *Qu'est-ce qu'il a dans ce coffret?*

O ESTRATO LEXEMÁTICO

O quadro que serve à descrição desse estrato não pode, teoricamente, ser universal; contudo, o que propomos parece convir à comparação de pares de línguas genética e tipologicamente muito diversas.

O grafo utilizado descreve especificamente, por sua orientação e posição, a natureza das relações sintáticas. Isso nos pareceu mais prático que as arborescências habituais, que mostram apenas a simples dependência em relação ao nó superior.

Observemos, por outro lado, que no estrato lexemático podem restar elementos elocutivos que somente terão sua expressão num estrato do significante. Pode ser o caso da oposição tema-rema, quando não é expressa por uma diátese como ativo-passivo ou *ser-ter*, mas simplesmente pela ordem das palavras, o que depende do estrato *morfemático*. Comparem-se, por exemplo, as duas frases espanholas que traduzem (9) e (10):

- (9e) *A Pedro le gusta este vino.*
(10e) *Este vino le gusta a Pedro.*

Freqüentemente, a ênfase se manifesta no estrato *fonemático*, em inglês, quando na tradução francesa se observa uma alteração violenta da sintaxe de superfície, ou seja, uma representação lexemática. Compare-se

- (26i) *John likes this wine.*
(26f) *C'est ce vin, qu'aime Jean.*

O ESTRATO SEMEMÁTICO

Temos de concordar com Sidney Lamb, ao propor um estrato do significado intermediário entre a superfície morfossintática e a estrutura profunda. As transformações e a tradução permitem evidenciar categorias que não aparecem diretamente na superfície mas que nem por isso são comuns a todas as línguas.

Nesse estrato intermediário sememático, (22) e (23) têm sempre a mesma estrutura, mas não (16) e (17); ao contrário, (1) e (21) apresentam

analogias, *il y a* é tratado como uma espécie de auxiliar que marca o predicado e precisa a sua natureza como *est... -u*; é claro, (2) responde a duas estruturas sememáticas diferentes, conforme seu sentido.

Onde o estrato lexemático tem *ativo e passivo*, de um lado, *sujeito, objeto e complemento de agente*, de outro, o estrato sememático possui uma marca de focalização que incide sobre um dos actantes *agente ou paciente*. Do mesmo modo,

(27) *Il craint Jacques*

tem uma estrutura lexemática totalmente diferente de (17), mas o mesmo sujeito; semematicamente, ao contrário, *il* é tratado como *agente* em (27), mas como *experimentador* em (17), sendo idêntico o resto da frase, já que *avoir peur de* é o equivalente sememático de *craindre*. É claro que, no estrato hiposseemático, as duas frases tem o mesmo *nexo* mas comportam uma diferença (fraca, por sinal), no plano do elocutivo.

OS ESTRATOS DO SIGNIFICANTE

Quanto aos estratos do significante, quase todos admitem atualmente a necessidade de distinguir as alternâncias morfonêmicas, que obedecem a esquemas regulares, das variantes irregulares. Da mesma forma, em relação à *segunda articulação*, faz-se a distinção entre *som* e *fonema*, de um lado, *fonema* e *morfonema*, de outro.

Entretanto, quando nos propomos a realizar estudos contrastivos, tendo em vista o ensino de línguas, pode revelar pouco eficaz um sistema de descrição que passa diretamente do morfonema ao som, com o curto-circuito do fonema. É isso que se faz habitualmente em gramática transformacional.

Pensamos ter mostrado (como outros autores, por sinal) que temos necessidade do estrato fonemático, o qual tem uma realidade psicolingüística incontestável, tanto no plano da comunicação como no da aprendizagem. Como nos encontramos na segunda articulação, desembarçados, pois, da dualidade significante-significado, as categorias psicolingüísticas (estruturas mentais perceptuais e motrizes) se enquadram bem com as estruturas lingüísticas, e não temos mais os inconvenientes que assinalamos mais acima, a propósito da estrutura profunda.

O estrato *morfemático*, o dos significantes, tem por unidades os *morfemas*, constituídos por uma seqüência de morfonemas representados no estrato seguinte por fonemas, sem dúvida, mas também por outras unidades de segunda articulação, como os *entoemas*, os *tactemas*, os *juntemas*, etc. O estrato *fonético* é o da cadeia sonora; o estrato *fonemático* é o estrato intermediário.

Existe, pois, paralelismo entre significante e significado. Em relação à *expressão*, entre a *substância* fonética e a *forma* morfemática, temos um estrato fonemático; em relação ao conteúdo, entre a *forma* lexicográfica e a *substância* hipossememática, temos um estrato sememático. Sem dúvida, a natureza particular da estrutura profunda — a propósito da qual estamos longe de conseguir a unanimidade dos lingüistas atuais — levou Hjelmslev a considerar como não-lingüística a substância do conteúdo; sabe-se, por sinal, que a idéia e o termo *estratificação da linguagem* são do lingüista dinamarquês.

O ESTRATO FONEMÁTICO

A fonemática que preconizamos para atender às necessidades dos estudos contrastivos e do ensino da pronúncia, ainda que jakobsoniana e “segmental”, nem por isso ignora os fenômenos suprasegmentais (ocupamo-nos bastante do acento, na linha de Paul Garde, por exemplo), nem os progressos que devemos à fonologia gerativa dos últimos quinze anos: binarismo dos traços, rigor da formulação das regras, “naturalidade”, etc.

Julgamos ter feito avançar um pouco as coisas, introduzindo a teoria da inibição e a hierarquização dos parâmetros, que permitem dar conta de comportamentos diferentes dos usuários de línguas que comportam esses mesmos parâmetros em certos subsistemas. No plano da *psico-acústica*, os parâmetros acústicos jakobsonianos correspondem a uma realidade comportamental, como o mostra nosso teste do triângulo e do círculo, em que os sujeitos distribuem sob esses dois símbolos os logatomos que comportam respectivamente os traços grave e agudo, bemol e bequadro, estridente e mate, compacta e difusa, etc.; e levando em conta a importância proporcional dos parâmetros considerados no sistema fonemático de sua língua materna.

Nossas observações psicolingüísticas, e as hipóteses que formulamos para delas dar conta (filtro lingüístico, filtro de auto-audição, processo de decodificação da cadeia falada, etc.), inscrevem-se igualmente nessa concepção psicológica do estrato fonemático, o que é compreensível,

em função de nossas preocupações a respeito das aplicações pedagógicas. Mas a sociolinguística é indispensável em didática: devemos-lhe a nossa concepção de *diassistema*, que julgamos muito importante na pedagogia da pronúncia.

OS MORFONEMAS

Pensamos ter trazido nossa modesta contribuição ao estudo dos morfonemas e acreditamos ter inovado um pouco, tratando como tais a ordem das palavras, a diferença entre os diversos tipos de afixos, as classes morfológicas tais como as declinações e as conjugações, etc. Fenômenos freqüentemente considerados de modo isolado, como dados esparsos, vêm assim integrar-se em um modelo coerente.

O estudo da morfologia do verbo espanhol levou-nos a tratar como morfonemas a *ditongabilidade* e a *redutibilidade*, combináveis entre elas, assim como a *redução* e a *ditongação*, igualmente combináveis. Isso permite captar novas generalizações e simplificar a descrição da conjugação espanhola.

As junções são habitualmente desconhecidas ou subestimadas na descrição das línguas, enquanto sua importância é muito grande, sobretudo para o ensino de línguas estrangeiras. Assim, nossas pesquisas sobre o truncamento permitiram-nos uma descrição do verbo francês que nos parece mais pedagógica e que adaptamos em nossa *nova gramática francesa, baseada na língua oral*.

O tratamento morfonemático da acentogênese e da acentuabilidade de Paul Garde permitiu-nos integrar facilmente essa poderosa teoria em nosso modelo e aplicá-la à descrição de línguas românicas, mais particularmente do espanhol.

Em resumo, ainda que a unidade do significante seja o *morfema*, o morfonema revelou-se-nos o elemento operador frutuoso para a análise, a descrição e a comparação em morfonologia. Tal fato não é tão surpreendente, se considerarmos que a fonologia moderna repousa muito mais sobre a noção de traço pertinente, que sobre a de fonema, muito embora este último seja a unidade do estrato correspondente. Por essa razão, as diferenças entre a nossa fonemática "segmental" e a fonologia gerativa dizem respeito antes ao objetivo de aplicação que aos fundamentos teóricos. De qualquer maneira, em todos os estratos, são os traços de oposição que contam: "*dans la langue il n'y a que des différences*".